

# APROXIMAÇÕES TEÓRICAS ENTRE A PERSPECTIVA FOUCAULTIANA E DO CÍRCULO DE BAKHTIN PARA ESTUDOS DA LINGUAGEM

*Célia Regina CRESTANI* – CEFET/PR - Curitiba

*Edson JACINSKI* – CEFET/PR – Ponta Grossa

## RESUMO

Este trabalho pretende mostrar as possibilidades de aproximação teórica entre Bakhtin e Foucault, pensadores que encaminharam importantes contribuições para a discussão da problemática da linguagem. Tais aproximações são muitas vezes questionadas como antitéticas pelas diferentes perspectivas com que esses pensadores trabalharam. Porém, em que pesem os diferentes contextos da produção cultural e problemáticas distintas abordadas por esses intelectuais, a riqueza heurística e atualidade potencializadas em suas obras, de um lado, e o inacabamento da problemática explorada, de outro, permitem detectar alguns aspectos de aproximação.

O contexto que nos levou a vislumbrar algumas significativas confluências entre esses intrigantes pensadores do século passado foi o da produção acadêmica de pesquisa sobre a linguagem no meio educacional<sup>[1]</sup>, materializada pelos discursos oficiais produzidos por instituições educacionais e governamentais. Ou seja, a aproximação que aqui iremos expor realizou-se a partir de um caminho investigativo próprio que nos impeliu a explorar a riqueza heurística desses autores para pensar os discursos produzidos sobre a temática estudada.

Já de início, tivemos que rever muitos dos nossos *a priori* epistemológicos, antropológicos e educacionais. Assim, muitas concepções sobre conhecimento, linguagem, educação tiveram que ser repensadas. Nesse sentido, um primeiro aspecto de aproximação é a contraposição às metanarrativas que tentam dar conta da realidade. Para Bakhtin, a vida é maior que a teoria e o projeto iluminista que busca dar conta da realidade através do racionalismo científico está fadado ao fracasso. Fica explícito na sua extensa obra a crítica ao teoreticismo e aos sistemas de pensamento monologizantes que buscam estabelecer-se como verdades únicas. Do mesmo modo, Foucault irá demonstrar como as pretensões de algumas das metanarrativas da modernidade como positivismo, freudismo, marxismo e as próprias ciências humanas necessitam ser relativizadas e conectadas às suas condições (discursivas) de produção. É expressivo nesse sentido como Foucault desmonta o intento de algumas ciências de uma origem humana perdida: “o homem é sem pátria e sem data”.

Tal crítica nos remete a perceber a posição central da questão da linguagem e das práticas discursivas nos estudos que cada um deles desenvolve. Não é possível pensar a produção do conhecimento e a constituição da subjetividade humana prescindindo do permanente embate discursivo do qual participamos diuturnamente.

Segundo BRAIT, (1994, p. 16) mais do que um arcabouço teórico, a concepção de linguagem de Bakhtin é uma postura científico-filosófica, uma forma de investigação que aponta para uma totalidade aberta em que o discurso, forma histórica e falante, faz-se ouvir através de

suas inúmeras vozes, dirige-se a um interlocutor e impõe uma atitude dialógica, a fim de que os vários sentidos, distribuídos entre as vozes, possam aflorar. Nessa perspectiva, diz ela, o discurso e seu concerto incessante de produção de efeitos de sentido não é jamais um objeto pacífico e passível de submissão ao monologismo de uma teoria acabada.

Abre-se espaço para o sujeito/falante, a realidade em que ele está inserido e as práticas discursivas. E para as contradições e tensões produzidas pelos falares de sujeitos situados. Porém, se a meta é problematizar a imposição de uma voz única, detentora de uma verdade, não se pode entender que o que o Círculo de Bakhtin está propondo é o relativismo de uma existência acrítica de todas as vozes. Se a concepção da voz única torna o diálogo, como Bakhtin o entende, impossível, a concepção de todas as vozes vivendo de modo justaposto tornaria o diálogo desnecessário. O que esses teóricos buscam é uma superação crítica, em que a inseparabilidade dos contrários instaure o diálogo no espaço público, nas relações instauradas entre as diversas morais conflitantes dentro de uma sociedade pluralista.

Diversas morais conflitantes que não podem ser entendidas como blocos justapostos, mas intercambiando-se ininterruptamente, sem limites demarcados, mas consubstanciados em forças que Bakhtin chamou de forças centrífugas e centrípetas. Forças centrípetas da vida lingüística que, encarnadas numa língua 'comum', atuam no meio do plurilingüismo real e que aparece na estratificação da língua única: mesmo no interior dessa língua, há várias línguas que coexistem

e esta estratificação e contradição reais não são apenas a estática da vida da língua, mas também a sua dinâmica: a estratificação e o plurilingüismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolvendo-se; ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união, caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação. (BAKHTIN, 1998, p. 82)

A língua única não é dada; ela é estabelecida em cada momento de sua vida e se opõe ao plurilingüismo real, ao discurso diversificado, aos diversos estratos da vida da língua. São forças da unificação e da centralização do mundo verbo-ideológico. Cada enunciação concreta do sujeito no discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas. Cada enunciação que participa de uma língua única (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilingüismo social e histórico (às forças centrífugas e diversificadoras).

Por essas concepções, o Círculo de Bakhtin vai discutir o processo cultural como algo não centralizado. Não há uma realidade com uma estrutura dada, uma representação mental 'correta' da realidade e uma relação fixa entre objetos e palavras. Reconhecem a existência humana como uma atividade ininterrupta, um campo de forças criado pelo embate das forças centrífugas, que compelem ao movimento, ao devir, à história, e forças centrípetas, que resistem à história e desejam a quietude, a mesmice, negando o movimento das forças sociais. São

forças que atuam no campo das relações sociais, classes econômicas e culturas inteiras.

Porém, discutir essas questões significa sair do terreno do imóvel, do estabelecido, do único e do indivisível. Significa 'arriscar-se' num terreno movediço, sobre o qual nossas certezas teriam de ser implodidas, para dar lugar ao imponderável, ao movimento, ao vir a ser. Por isso, muitas vezes, procuramos nos agarrar a imagens estáveis, imutáveis, que nos dão maior 'segurança'. Na aula inaugural que FOUCAULT proferiu ao assumir a cátedra no College de France, ele falou do desejo de transparência, de não movimento, de imutabilidade, da não complexidade das forças centrípetas:

O desejo diz: eu não queria ter de entrar nessa ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo: gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa e de onde as verdades se elevassem, uma a uma: eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz (1999, p. 7).

Aparentemente, em linhas gerais, poderíamos dizer que discurso é usado, por Foucault e Bakhtin, para designar objetos diferentes, principalmente se considerarmos que para Foucault o sujeito, na produção do discurso, é assujeitado, enquanto que Bakhtin não anula o sujeito, mas o põe como agente. Foucault não vai discutir a formação dos discursos como passando por uma criação intersubjetiva dos falantes; para ele, os discursos determinam o sujeito. Contudo, é possível aproximá-los em alguns pontos, principalmente quando entendemos que para Foucault os discursos não possuem uma unidade ou uma homogeneidade interna, são heterogêneos, tais como as vozes sociais de que fala Bakhtin. Para Foucault, os discursos não formam uma unidade por se referirem a um mesmo objeto (o objeto também é heterogêneo), por comportarem um tipo específico de enunciação ou alfabeto específico de noções ou uma unidade temática. Antes, um conjunto de enunciados é definido por sua dispersão - cabendo a esse tipo de análise pesquisar se entre objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas temáticas, que se encontram dispersos, é possível definir uma regularidade ou perceber elementos de sua formação. O sujeito do discurso seria, assim, uma dispersão de vozes.

Foucault destrói a idéia de sujeito fundante ou de autor e entende discurso como um conjunto complexo e difuso de enunciados que modelam nossos dizeres, nossa representação de mundo e nossa vida social. Para Bakhtin, o sujeito não é autônomo nem condicionado de modo determinístico pelas estruturas da ideologia ou do inconsciente, mas envolvido numa rede múltipla e intrincada, que deixa um espaço para que o individual possa agir. É assim que podemos entender como as mudanças ocorrem: pela interação, pelo diálogo. Foucault, entretanto, não se preocupa em explicar como as mudanças ocorrem, apenas constata que elas acontecem. Quanto à ausência ou o vazio do lugar do sujeito nos enunciados, devem ser compreendidos num sentido político, pois o enunciado é efeito de poder, objeto pelo qual se luta. Se assim não fosse, as mudanças não ocorreriam, ou seja, tudo estaria previamente determinado.

Na obra **Discurso, estilo e subjetividade**, POSSENTI vai problematizar essa questão, quando diz: " ...se as estruturas fossem acabadas, sem frinchas, se iguallassem efetivamente em todos os sentidos os elementos a que se referem (indivíduos numa sociedade, átomos lingüísticos numa língua) a única definição possível de sujeito seria pela sujeição. Mas então as sociedades e as línguas não mudariam" (1988, p. 2).

Foucault, do mesmo modo, vai entender que as sociedades mudam. Mas não vai dar a um autor a agentividade dessa mudança. Pelo contrário, vai desconstruir o conceito de autor e de subjetividade, passando a privilegiar o discurso.

(...) o sujeito do discurso é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos (FOUCAULT, 1987, p. 107).

Se levamos em conta que Bakhtin vai defender a idéia de que não há discurso sem dono, poderíamos encontrar nesse ponto uma questão irreconciliável entre os teóricos. Mas se nos aprofundarmos um pouco mais, encontraremos, em FOUCAULT, a seguinte assertiva: "Não há signos sem alguém para proferi-los (...) Mas esse 'autor' não é idêntico ao sujeito do enunciado"(1987, p. 105). Do mesmo modo, encontraremos em Bakhtin a percepção de que o si não o é sem o outro, num fragmento de suas notas de caderno: *Minha própria refração no outro empírico pelo qual tenho de passar para desembocar no eu para mim (poderá ser solitário esse eu para mim?)*. A não coincidência entre mim e mim mesmo ocorre porque entre mim e mim está o não eu: o outro, questão subjetiva que está posta no horizonte desde Hegel, com o reconhecimento da dialética hegeliana de que o eu só aparece como presença de si para si pela mediação do outro, pondo em questão o solipsismo transcendental de Descartes (em que o eu aparece como unidade coincidente consigo mesmo na intuição do *cogito*) (FARACO, 1999, p. 3, grifos do autor).

Ocupar posições nos enunciados vazios remete para outra questão discutida por Foucault: a relação entre discurso e poder, que se dá na perspectiva de não entender o saber como o outro do poder, mas como seu correlato. O discurso, o saber, é necessariamente movido por uma vontade de poder e o poder exige o reconhecimento daquilo e daqueles que devem ser governados e regulados. Porém, é importante destacar a ressalva feita por FOUCAULT quanto ao entendimento estreito das relações de poder que as metanarrativas críticas apregoam e que o atribui sempre à classe dominante ou ao Estado. Analisando essa relação, ele diz:

Não se deve tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre outros, de uma classe sobre outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que

só funciona em cadeia. Nunca está localizado, aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte, ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão (1992, p. 183).

A perspectiva de Foucault em juntar discurso e poder não está fora do pensamento de Bakhtin, que fala na tensão entre as forças centrípetas e centrífugas, no discurso de autoridade, no conflito de vozes sociais, relações tensas em que o poder circula em rede. Por isso, assim como Bakhtin, Foucault não vai determinar um lugar para sempre para o poder, uma realidade que possua uma natureza, uma essência, algo unitário e global; antes, poderemos pensá-lo como forças díspares, heterogêneas, visto que circula, em constante transformação. Não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituído historicamente. Um discurso.

Um discurso não tomado como um enunciado apenas maior que a sentença, nem como um sistema formal, mas como práticas sócio-interacionais, práticas que se realizam entre indivíduos organizados socialmente. Essa é uma questão disseminada por todos os textos do Círculo de Bakhtin, que entendem haver uma íntima relação entre a língua e as práticas sócio-interacionais, formando uma emaranhada rede de signos. Essa emaranhada rede de signos nos permite entender por que é impossível instituir de uma vez para sempre o poder em determinado local; as forças centrípetas e centrífugas da língua viva estão em constante embate, em guerras discursivas, em permanente tensão, em contradições postas pela descontinuidade e pela fluidez das relações sociais.

Mas se não há uma relação de poder instituída para sempre, há o desejo de que o discurso cumpra o papel de transformar o nosso discurso em 'o' discurso, aquele que detém a verdade, a 'correta' condução dos problemas advindos da complexidade das relações sociais. É o que FOUCAULT vai constatar:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso (...) não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo, e visto que - isso a história não cansa de nos ensinar - o discurso não é somente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar (1999, p. 7).

As contradições, as tensões provocadas pela interatividade vão acirrar essa luta, e o discurso monológico vai ser uma das armas utilizadas. Tentar apresentá-lo como única voz, revestido da oficialidade que lhe é constitutivo, é uma estratégia discursiva. Porém, como mesmo em produções verbais profundamente monológicas observa-se sempre uma relação dialógica, (BAKHTIN, 1999, p.355) o processo de tentativa de homogeneização do discurso encontra sempre resistência, precisamente na heterogeneidade cultural da formação social. O

indivíduo, enquanto consciência constituída na heterogeneidade, encontra sempre espaço nas lacunas da descontinuidade, nas tensões, nas contradições das vozes sociais, que permitem resistir à monologização.

E neste ponto, tanto Foucault quanto Bakhtin irão discutir a resistência: para este, toda palavra é sempre uma réplica à palavra de outrem e assume significação a partir dessa orientação exterior: o outro está sempre presente no nosso discurso, estruturando-o de fora; para Foucault, a sociedade ocidental sustenta-se por uma rede disciplinar, exercida por todos, que invade e organiza todas as práticas sociais, inclusive as discursivas. Na sociedade, todos vigiam todos para punir e domesticar quem está 'desviado'.

Para ambos, os usuários desses discursos não os utilizam de modo neutro, mas seguindo certas regras sociais que disciplinam, organizam e padronizam esse uso. O 'outro' que escuta oferece resistência a esses discursos, procurando sempre discipliná-lo e enquadrá-lo. Desse modo, o contexto discursivo dos falantes é um campo de batalha em que o limite e o alvo é sempre o outro a quem se pode exaltar, criticar, vigiar, etc...mas não ignorar. A imagem que têm dos falantes é de processo e de luta e não de usuários passivos, de um sistema fechado, artificialmente estável.

Assim, apesar de a problemática de constituição dos sujeitos apresentar diferenças entre os teóricos, podemos dizer que há um ponto de aproximação entre eles, no sentido de que, para Foucault, o sujeito está em constante interação e conflito com o outro, que o vigia, disciplina e pune, exercendo uma espécie de microfísica do poder; para Bakhtin, também vivemos em interação e conflito com o outro, visto que nossa fala só adquire concreção a partir da percepção do outro, cuja presença estrutura nossa fala. O sujeito se faz nesse processo de confronto e não há, para ambos, uma idéia de progresso, de superação dialética e de ponto final em que se chegue a um ideal de sujeito.

Foucault, em entrevista que deu a DREYFUS e RABINOW, fala das relações entre o sujeito e o poder, entendendo poder como "um modo de ação sobre as ações dos outros", (1995, p.244) o que pode remeter para o entendimento de dialogismo em Bakhtin. Se, para Bakhtin, dialogismo pressupõe responsividade, para Foucault relações de poder só se estabelecem entre homens livres, ou seja, aqueles que podem responder, deslocar-se e, no limite, escapar. Portanto, é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça.

No centro da relação de poder, provocando-a incessantemente, encontra-se a recalcitrância do querer e a intransigência da liberdade. Mais do que um "antagonismo" essencial, seria melhor falar de um "agonismo"- de uma relação que é, ao mesmo tempo, de incitação recíproca e de luta; trata-se, portanto, menos de uma oposição de termos que se bloqueiam mutuamente do que de uma provocação permanente. (FOUCAULT, citado por DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 244-245).

Entender a relação de poder como uma provocação permanente, um modo de ação sobre a ação dos outros, permite-nos pensar em poder como uma relação dialógica, uma relação em que o outro participa ativamente do processo, ocupando uma posição intercambiante, na medida em que o poder se exerce em rede. Mas, mesmo defendendo a idéia de que o dialogismo é condição essencial de sentido do discurso, e a liberdade a condição essencial para que possa haver relações de poder, princípios constitutivos do discurso e do poder, Bakhtin e Foucault reconhecem que o monologismo e a violência regem a cultura ideológica dos tempos modernos, e se deixam perceber pela tentativa de apagamento do outro no discurso e pela tentativa de ‘apagar’ a reação do outro, às vezes pela coação física.

---

[i] Nossas pesquisas versaram respectivamente sobre os discursos oficiais sobre o trabalho no interior do CEFET/PR, na dissertação “Os discursos oficiais do Cefet/Pr sobre o trabalho: uma análise dialógica” e sobre projeto governamental que está operando a introdução da informática na educação nas escolas públicas de ensino fundamental e médio : “A linguagem audiovisual na informática educativa: uma análise dialógica do PROINFO”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. A teoria do romance. 4<sup>a</sup>. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 8<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

BRAIT, Beth. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana L. P. de; Fiorin, José Luiz (org.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994.

CRESTANI, Célia Regina. **Os discursos oficiais do Cefet/Pr. sobre o trabalho: uma análise dialógica**. Dissertação de mestrado. Curitiba. Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia – 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Pesquisa aplicada em linguagem: desafios para o próximo milênio**. Curitiba, 1999. (mimeo)

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 5<sup>a</sup>. ed., 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Nascimento da prisão. 9<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

JACINSKI, Edson. Linguagem audiovisual na informática educativa: uma análise dialógica do PROINFO. Dissertação de mestrado. Curitiba, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, 2001

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.



RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.